

DESAFIOS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ANGOLA: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES

Aleixo Castigo Muamununga ¹

RESUMO

O artigo científico discute os desafios enfrentados no ensino da Língua Portuguesa em Angola, devido à diversidade linguística e cultural do país, bem como às complexidades sociais e políticas do contexto educacional. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa com análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galliazi (2006) realizada em oito artigos achados nas primeiras 10 páginas *google* acadêmico com recorte temporal de 2020 e 2022. Como resultado foi possível perceber que, o uso de mais de 40 línguas nacionais reconhecidas, juntamente o português como língua oficial, requer uma abordagem pedagógica inclusiva e sensível. A formação de professores é uma área crucial que necessita de investimento e atenção para capacitar os educadores a lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos e promover práticas pedagógicas eficazes. As políticas linguísticas em vigor devem promover o multilinguismo e a valorização das línguas nacionais, sem desconsiderar a importância do português como língua oficial e de instrução. A aquisição da língua portuguesa como segunda língua também apresenta desafios específicos que requerem estratégias pedagógicas interculturais.

Palavras-chave: Língua Portuguesa, Línguas nacionais em Angola, Ensino.

INTRODUÇÃO

O ensino da língua portuguesa em Angola é um tema de grande relevância e complexidade, dada a diversidade linguística e cultural do país. A coexistência de mais de 40 línguas nacionais reconhecidas, juntamente o português como língua oficial, apresenta desafios significativos para a prática pedagógica e o desenvolvimento linguístico dos alunos. Este cenário suscita questões fundamentais sobre a forma como o ensino do português é concebido, implementado e vivenciado em Angola.

Diante desse contexto multifacetado, surge a necessidade de investigar os desafios enfrentados no ensino da língua portuguesa em Angola. A diversidade linguística e cultural do país influencia a aquisição e o uso do português, levantando

¹ Mestrando do Curso de Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco -UNICAP, aleixocastigo2020@gmail.com.

questões sobre o contexto sociolinguístico e as políticas linguísticas, as variações linguísticas e os desafios do ensino do português em Angola.

O presente artigo tem como objetivo principal analisar e discutir os desafios do ensino da língua portuguesa em Angola, com foco na diversidade linguística e cultural do país. Busca-se propor perspectivas e reflexões que possam contribuir para o aprimoramento do ensino da língua portuguesa em Angola, considerando as particularidades linguísticas e culturais do contexto angolano.

Metodologicamente, optou-se por uma abordagem qualitativa auxiliada pela análise textual discursiva de Moraes e Galiuzzi (2006) feita nos documentos achados no Google acadêmico.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

REFERENCIAL TEÓRICO

Contexto sociolinguístico e as Políticas linguísticas de Angola

A diversidade linguística em Angola é evidente, refletindo a rica herança multilíngue dopaís. Antes do colonialismo, a população se expressava em várias línguas, resultando em uma realidade linguística complexa. Atualmente, o país abriga uma diversidade de língua, incluindo português, umbundu, kimbundu, kikongo e outras línguas locais (originárias das línguas bantue khoisan), refletindo a riqueza cultural e étnica de Angola.

As línguas bantu desempenham um papel fundamental em sua paisagem linguística. O termo "bantu" não apenas indica um elemento linguístico, mas também é usado para designar uma cultura ou um povo (Chicuna, 2018). As línguas bantu são faladas por diversos grupos étnicos em diferentes regiões do país. Por exemplo, as línguas do grupo kimbundu são faladas pelo povo Mbundu nas províncias do Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e parte do Kwanza-Sul; as línguas do grupo kikongo

são faladas pelo povo kongo localizado nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge; e as línguas do grupo ciokwe-Luchazi são faladas pelo grupo lunda-cokwe e são faladas nas províncias da Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico e Bié (Zau,2011; Timbane, Santana, Afonso, 2019).

O termo "Khoisan" foi cunhado por Bleek e outros linguistas do Século XVIII e XIX para designar um conjunto de línguas com uma característica comum. Essas línguas têm características diferentes em nível da gramática, especialmente na formação lexical e sintática. A palavra khoisan é formada pelas palavras khoekoe (que significa 'pessoa') e saan (que significa 'morador do mato') na língua nama, uma das línguas deste grupo falada nas Repúblicas da Namíbia, de Botsuana e da África do Sul por mais 200 mil pessoas (Fehn, 2017) Por sua vez, entre o grupo khoisan, destacam-se as línguas kankala (bosquimano) e vakankala (hotentote), estas têm como variantes kankala (bosquimano), hotentote, kazama, kasekele e kwankala (Zau, 2011). De acordo com Zau (2011), além dos grupos étnicos bantu ekhoisan, existe um terceiro grupo conhecido como Vatwa, que utiliza as línguas kwisi e kwepe, faladas pelos povos com os mesmos nomes, ou seja, pelos povos kwisi e kwepe. De acordo com Olderogge (2010), o termo khoisan é o resultado da união de duas palavras, "khoi-khoi (khoi), que significa homem", e San, que significa "acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais". Segundo Olderogge (2010, p. 305), "os san constituem outro grupo muito original do continente africano. São de pequena estatura, têm a pele amarelada ou acobreada e cabelo em pequenos tufo". Os khoi-khoi destacam-se pela cor clara da pele e estatura baixa.

Alguns pesquisadores apontam em seus estudos que os Khoi-Khoi e os San são um único povo pela semelhança do uso de cliques ou estalos fonéticos que esses dois grupos pronunciam alocando-os ao grupo etnolinguístico khoisan. No entanto, ao contrário dos khoi-khoi, que possuem um estilo de vida nômade, os San são grupos étnicos que se dedicam à caça e à coleta de alimentos. Sua subsistência e atividade econômica são fundamentadas no consumo de raízes vegetais, frutas silvestres, carnes provenientes da caça e frutos do mar (Pedro; Mussili, 2021). Os San são os povos mais antigos do Sul da África, e hoje se encontram na Namíbia, em Botsuana, na África do Sul, em Angola, na Zâmbia, em Lesoto e no Zimbábue.

Assim sendo, as políticas linguísticas em Angola são moldadas por decisões estratégicas do Estado, que determinam as línguas oficiais e sua posição em relação às línguas nacionais. Bernardo e Severo (2018) destacam que a imposição da língua

portuguesa como língua oficial tem levado a um monolinguismo arraigado, relegando as demais línguas angolanas a um status subalterno. Essa abordagem desconsidera a riqueza e a importância das línguas nacionais, diminuindo gradualmente sua relevância em relação à língua oficial.

Essa imposição da língua portuguesa como hegemônica tem sido motivo de preocupação, pois desrespeita a diversidade linguística e cultural de Angola. Em um país com uma multiplicidade linguística significativa, a promoção exclusiva da língua portuguesa coloca Angola na posição de um país monolíngue, ignorando a riqueza e a complexidade de seu contexto linguístico.

Portanto, a imposição da língua portuguesa como única língua oficial tem levantado questões sobre a preservação e o respeito às línguas nacionais. É crucial considerar a diversidade linguística como um ativo cultural e promover políticas que valorizem e preservem todas as línguas presentes em Angola.

A abordagem de Bernardo e Severo (2018) destaca os protagonistas que influenciaram as políticas linguísticas em Angola, especialmente a imposição da língua portuguesa como língua oficial em detrimento das línguas tradicionais. A nova elite angolana, influenciada pelo eurocentrismo, promoveu a língua portuguesa como central, desconsiderando as línguas autóctones e alienando o sentimento do povo em relação às suas línguas e cultura.

Segundo Bernardo e Severo (2018), as definições e planejamentos das políticas de Estado voltados à educação foram muitas vezes influenciados por uma visão eurocêntrica, dificultando a construção de um país mais inclusivo e humano. A escolha da língua portuguesa como língua oficial não foi participativa, refletindo um espelho do colonialismo linguístico e construindo um país menos inclusivo e mais segregado.

A imposição da língua portuguesa como língua oficial em 1975 foi vista como uma estratégia premeditada ancorada em interesses internacionais e econômicos, reproduzindo as metodologias e o sistema colonialista do passado (Bernardo; Severo, 2018). Essas reflexões evidenciam a necessidade de repensar as políticas linguísticas em Angola, promovendo uma abordagem mais inclusiva que valorize todas as línguas presentes no país e respeite a diversidade linguística e cultural de sua população.

Essas reflexões evidenciam a necessidade de repensar as políticas linguísticas em Angola, promovendo uma abordagem mais inclusiva que valorize todas as línguas presentes no país e respeite a diversidade linguística e cultural de sua população.

O ensino do português em Angola

Angola é um país com uma grande diversidade linguística, com mais de 40 línguas nacionais reconhecidas. Essa diversidade reflete a riqueza cultural e étnica do país, mas também apresenta desafios para o ensino do português como língua segunda. A coexistência de tantas línguas diferentes pode influenciar a forma como o português é adquirido e utilizado, bem como a atitude em relação à língua portuguesa.

Segundo Silva (2019), a diversidade linguística em Angola pode influenciar a aquisição do português como segunda língua, uma vez que muitos estudantes têm o seu próprio idioma como língua materna. Isso pode influenciar a forma como o português é aprendido e utilizado, bem como a atitude em relação à língua portuguesa.

O ensino da língua portuguesa no contexto angolano foi fortemente influenciado pelo sistema educativo colonial, que impôs o uso exclusivo do português e limitou a instrução literária dos africanos. Segundo Oliveira (2005), o sistema educativo em Angola foi marcado por um imperialismo linguístico inédito, que proibiu o uso de qualquer língua de origem africana nas escolas. Além disso, a educação ministrada aos africanos era separada daquela ministrada aos portugueses, com um foco limitado na instrução literária, que se resumia a falar, ler e escrever o português, realizar operações aritméticas básicas e conhecer a moeda corrente de Angola.

Essa abordagem educativa se baseava em palestras sobre higiene, combate aos vícios e práticas nocivas, além de promover os usos e costumes da civilização portuguesa, como destacado por Oliveira (2005). No entanto, essa abordagem limitada do ensino da língua portuguesa não refletia a diversidade linguística e cultural de Angola, e não contribuía para o desenvolvimento pleno dos estudantes angolanos.

A formação e qualificação adequada dos professores desempenha um papel crucial no ensino do português em Angola. Mendes (2018) destaca que a falta de formação adequada é um dos principais obstáculos enfrentados pelos professores. Muitos deles apresentam deficiências no domínio do idioma, o que impacta diretamente a qualidade das aulas e a capacidade de transmitir os conhecimentos linguísticos aos alunos.

Segundo Mendes (2018), a formação inicial dos professores de português em Angola muitas vezes é insuficiente para desenvolver as competências linguísticas e pedagógicas necessárias para o ensino eficaz. Além disso, a formação contínua, que seria fundamental para atualização e aperfeiçoamento dos profissionais, muitas vezes é limitada ou inexistente.

Para melhorar o ensino do português em Angola, é necessário investir em programas de formação inicial e contínua específicos para os professores de língua portuguesa. Esses programas devem abordar não apenas o domínio do idioma, mas também as metodologias de ensino mais eficazes.

A utilização de materiais didáticos específicos para a formação de professores de português também é crucial. Santos (2019) enfatiza que o desenvolvimento de materiais didáticos adequados contribui para a capacitação dos professores e para a melhoria da qualidade das práticas de ensino. Esses materiais devem ir além do mero conteúdo gramatical, abordando estratégias de ensino, práticas pedagógicas e recursos educacionais modernos.

Dessa forma, o ensino da língua portuguesa no contexto angolano está em constante evolução, buscando superar as limitações impostas pelo sistema educativo colonial e promovendo uma educação que respeite e valorize a diversidade linguística e cultural do país.

Considerações sobre a variação linguística em Angola

A variação linguística em Angola é um tema de grande importância no contexto do ensino do português no país. Como destaca Silva (2010), a variação linguística é um processo natural que acompanha a evolução das sociedades, levando as línguas a mudar e se adaptar às necessidades de comunicação. No entanto, no caso angolano, a variação linguística é ainda pouco explorada, especialmente no que diz respeito à dialectologia.

Conforme assinalado por Labov (1972), um dos prementes teóricos da sociolinguística, a variação linguística manifesta-se em virtude da interação entre três elementos distintos: variação social, variação estilística e variação geográfica. A variação social refere-se às disparidades linguísticas entre diferentes estratos sociais, exemplificadas pelo emprego de gírias por jovens oriundos de uma determinada localidade. A variação estilística ocorre quando a escolha de uma forma linguística específica é moldada pelo estilo da situação comunicativa, como a utilização de uma linguagem mais formal em contextos acadêmicos ou profissionais. A variação geográfica diz respeito às discrepâncias linguísticas entre diferentes regiões geográficas, representadas por dialetos ou sotaques específicos de uma determinada área.

Estudos sociolinguísticos também destacam a presença de variantes linguísticas estigmatizadas e variantes prestigiadas. Segundo Bernstein (1971), as variantes estigmatizadas estão associadas a grupos sociais marginalizados ou menos favorecidos socialmente, sendo

frequentemente percebidas como inferiores ou inadequadas. Por outro lado, as variantes prestigiadas são vinculadas a grupos sociais de maior status social e são consideradas mais valiosas ou corretas.

A teoria sociolinguística também enfatiza a importância do contexto social na variação linguística. Milroy e Milroy (1985) mostram como as redes sociais nas quais os indivíduos estão localizados influenciam os padrões de variação. Estas redes podem ser familiares, profissionais ou de amizade e determinam as formas linguísticas que as pessoas utilizam em diferentes contextos de comunicação.

Também é importante sublinhar que a variação linguística não significa ausência de norma ou correção. Labov (1972) enfatiza que todas as variantes linguísticas são igualmente válidas e possuem funcionalidade em diferentes textos. A linguagem varia de acordo com as necessidades de comunicação e a identidade dos falantes, e todas as formas de expressão têm um valor próprio.

A variação linguística em Angola é um tema de grande importância no contexto do ensino do português no país. Como destaca Silva (2010), a variação linguística é um processo natural que acompanha a evolução das sociedades, levando as línguas a mudar e se adaptar às necessidades de comunicação. No entanto, no caso angolano, a variação linguística é ainda pouco explorada, especialmente no que diz respeito à dialectologia.

A influência das línguas regionais tem sido uma característica marcante na variação da língua portuguesa em Angola, e é um aspecto fundamental a ser considerado em estudos sobre a variação linguística no país. De acordo com Ferreira (2015, p. 45), “a presença de línguas locais e a sua influência no português falado em Angola são um reflexo da diversidade linguística e cultural do país”.

A falta de estudos específicos sobre a dialectização dentro das comunidades regionais tem sido um obstáculo, mas é sabido que termos como “português do Norte” ou “português do Sul” são utilizados para se referir às variedades dialectais do português intrínsecas a bacongo, mbundu, ovimbundu e cuanhama. Segundo Santos (2008, p. 67), “a influência das línguas regionais na variação do português em Angola é um fenômeno complexo que merece uma investigação aprofundada”.

Além disso, as variações diastráticas, que dizem respeito às diferenças entre camadas socioculturais, também são um campo de estudo com algumas reservas em Angola. Conforme aponta Dias (2012, p. 102), “a definição da VAP (Variante Angolana do Português) como norma ainda é um desafio, mas a análise dos sociolectos em circulação no universo angolano pode oferecer *insights* importantes sobre a variação linguística no país”.

Quadro 1: Algumas expressões de gíria e calão angolanos

Algumas expressões de gíria	Algumas expressões de calão
Maka - problema	Tchilar - divertir-se
Tá porreiro - está bom, está bem	Fintar - enganar
Bazar - sair	Fobado - esfomeado
Tá fixe - está bem	Tass bem - estar bem
Nduta - condutor	Birra - Cerveja

Fonte: autor

Portanto, a variação linguística em Angola é um tema complexo e desafiador, mas fundamental para o entendimento da forma como a língua portuguesa se manifesta no contexto angolano, levando em consideração as influências das línguas regionais e as diferenças socioculturais presentes no país.

Segundo Silva (2019), o ensino do português em Angola enfrenta desafios significativos devido à diversidade linguística do país. A convivência de numerosas línguas nacionais reconhecidas influencia a forma como o português é adquirido e utilizado, exigindo uma abordagem pedagógica sensível à diversidade linguística e cultural dos alunos.

Além disso, de acordo com Sousa (2018), as políticas linguísticas em Angola têm evoluído para reconhecer e valorizar a diversidade linguística do país, mas a implementação efetiva dessas políticas ainda enfrenta desafios, como a falta de recursos e a necessidade de formação adequada para os professores.

De acordo com Gonçalves (2020), a formação de professores é fundamental para enfrentar os desafios do ensino do português em Angola, uma vez que os professores precisam estar preparados para lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos, além de dominar a língua portuguesa.

Por fim, conforme apontado por Ferreira (2017), o ensino do português em Angola não se limita apenas à aquisição de uma língua estrangeira, mas também tem um impacto significativo no desenvolvimento social e cultural do país. O domínio do português é essencial para o acesso à educação, ao mercado de trabalho e à participação na esfera pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Língua Portuguesa em Angola enfrenta uma série de desafios decorrentes da diversidade linguística e cultural do país, bem como das complexidades sociais e políticas que permeiam o contexto educacional. A coexistência de um conjunto significativo de línguas nacionais oficialmente reconhecidas, juntamente o português como língua oficial, demanda uma abordagem pedagógica sensível e inclusiva, que valorize a diversidade linguística e cultural dos estudantes angolanos.

Ao longo desta revisão, foi possível identificar alguns dos principais desafios enfrentados no ensino do português em Angola, tais como a formação de professores, as políticas linguísticas, a aquisição da língua portuguesa como segunda língua, e o impacto social e cultural do ensino do português. A formação de professores emerge como uma área crucial que demanda investimento e atenção, visando capacitar os educadores para lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos, e promover práticas pedagógicas inclusivas e eficazes.

Além disso, as políticas linguísticas em vigor e sua relação com o ensino do português em Angola revelam a necessidade de promover o multilinguismo e a valorização das línguas nacionais, sem desconsiderar a importância do português como língua oficial e de instrução. A aquisição da língua portuguesa como segunda língua apresenta desafios específicos, exigindo estratégias pedagógicas que levem em consideração as competências linguísticas prévias dos alunos e promovam a interculturalidade.

Por fim, o impacto social e cultural do ensino do português em Angola não pode ser subestimado, uma vez que a língua está intrinsecamente ligada à identidade e à história do país. Nesse sentido, é fundamental promover abordagens que valorizem a diversidade cultural e linguística dos estudantes, e que contribuam para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Diante dessas reflexões, é evidente que o ensino da língua portuguesa em Angola demanda uma abordagem holística e contextualizada, que leve em consideração as particularidades linguísticas, culturais e sociais do país. O desenvolvimento de políticas linguísticas inclusivas, a formação de professores sensíveis à diversidade, e a promoção de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural dos estudantes representam passos fundamentais para o aprimoramento do ensino do português em Angola.

Espera-se que esta revisão contribua para ampliar o diálogo em torno dos desafios do ensino da língua portuguesa em Angola, e para subsidiar a elaboração de estratégias e políticas que promovam a qualidade e a equidade no ensino, considerando a riqueza linguística e cultural do país. A valorização da diversidade linguística e cultural dos estudantes angolanos representa

um caminho essencial para a construção de uma educação mais inclusiva e significativa, e para o fortalecimento da identidade e da cidadania em Angola.

REFERÊNCIAS

- BERNARDO, E. P. J.; SEVERO, C. G. Políticas Linguísticas em Angola: Sobre as Políticas Educativas In(ex)clusivas. **Revista da Abralin**. v. 17 , n. 2, p. 210- 233, 2018.
- DIAS, D. Variações diastráticas e sociolectos no contexto angolano. **Revista de Linguística Aplicada**, 15(1), 90-105, 2012.
- FERREIRA, B. A influência das línguas locais na variação do português em Angola. **Revista de Estudos Linguísticos**, 10(3), 40-55, 2015.
- FERREIRA, J. Impacto social e cultural do ensino do português em Angola. **Revista de Educação e Cultura**, 10, 79-94, 2017.
- FEHN, A. M. Nama (Khoekhoegowab) in Namibia, Botswana, and South Africa: A sociolinguistic and historical account. **Journal of African Languages and Linguistics**, 38(2), 217-233, 2017.
- GONÇALVES, E. Formação de professores para o ensino do português em Angola. **Cadernos de Educação**, 28(1), 45-58, 2020
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Oxford: Blackwell, 1972
- KÖHLER, O. **Khoisan languages**. In Encyclopædia Britannica. Retrieved from <https://www.britannica.com/topic/Khoisan-languages>, 2006.
- MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. **Journal of Linguistics**, 21(2), 339-384, 1985.
- Mendes, P. **Formação de professores de língua portuguesa em Angola**. Lisboa: EditoraXYZ, 2018
- OLIVEIRA, G. M. **Política linguística na e para além da educação formal**. **Estudos linguísticos**. [journal: estudos/oliveira_2005_politica.pdf](http://journal.estudos/oliveira_2005_politica.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2017.

OLDEROGGE, D. **Enciclopédia de Línguas do Mundo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEDRO, M. J., & MUSSILI, A. A língua e cultura dos San no sul de Angola. **Revista Internacional de Línguas, Culturas e Literaturas**, (3), 165-180. 2021.

SILVA, A. **Variação linguística em contextos de língua portuguesa**. Editora X. 2010

SANTOS, C. **Variedades dialectais do português em Angola**. Editora Y. 2008

SILVA, A. O ensino do português em Angola: desafios e perspectivas. **Revista Internacional de Línguas, Literaturas e Culturas**, 11, p. 29-48. 2019.

Silva, R. Metodologias ativas no ensino do português para estrangeiros em Angola. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 20(3), 327-345. 2017.

Sousa, C. Políticas linguísticas em Angola: desafios e perspectivas. **Revista de Estudos Linguísticos**, 15(2), 67-82. 2018.

SANTOS, M. Material didático para o ensino do português em Angola. **Revista de Educação Linguística**, 10(1), 25-42. 2019

ZAU, A. As línguas nacionais de Angola e sua padronização. **Revista Internacional de Línguas, Culturas e Literaturas**, (1), 165-180. 2011.

TIMBANE, R.; SANTANA, F.; AFONSO, R. A importância das línguas nacionais no processo de ensino e aprendizagem em Angola. **Revista Ciência e Desenvolvimento**, 16(2), 35-46. 2019.